

CINEMA EM CHOQUE
DIÁLOGOS E RUPTURAS

Série Imagem-Tempo

CONSELHO EDITORIAL

Coordenadora: Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS

André Parente – UFRJ

Arlindo Machado – PUCSP

Carlos Gerbase – PUCRS

Edgard de Assis Carvalho – PUCSP

Erick Felinto – UERJ

Ivana Bentes – UFRJ

Juremir Machado da Silva – PUCRS

Luis Gomes – Editora Sulina

Michel Marie – Paris III Sorbonne Nouvelle

Miriam de Souza Rossini – UFRGS



CINEMA EM CHOQUE

DIÁLOGOS E RUPTURAS

Organizadores

Carlos Gerbase

Cristiane Freitas Gutfreind



Editora Sulina

© Autores, 2013

Capa: Letícia Lampert

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Matheus Gazzola Tussi

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

C574

Cinema em choque: diálogos e rupturas / organizado por Carlos Gerbase e Cristiane Freitas Gutfreind. — Porto Alegre: Sulina, 2013.

238 p.; (Série Imagem-Tempo)

ISBN: 978-85-205-0694-3

1. Cinema. 2. Mídia. 3. Comunicação Audiovisual. 4. Indústria Cinematográfica. I. Gerbase, Carlos. II. Gutfreind, Cristiane Freitas.

CDU: 791.43

CDD: 791.43

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3311.4082

Fax: (0xx51) 2364.4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Outubro/2013

SUMÁRIO

Apresentação7

PARTE 1 – CINEMA X TECNOLOGIA

Da animação ao cinema: rupturas, continuidades
e sobreimpressões 11

Carla Schneider e Alexandre Rocha da Silva

Tensões e transformações tecnológicas. A gênese industrial
do cinema revisitada27

João Guilherme Barone Reis e Silva

Instantes do cinema em fluxo: tramas de imagens em celulose e bits47

Ana Gruszynski

Nuances da experiência narrativa contemporânea:

a franquia *Tron* e a fronteira digital61

Paula Puhl, Maria Clara Aquino Bittencourt e Thiago Falcão

PARTE 2 – CINEMA X OUTRAS LINGUAGENS

Ilha cheia de sons: vanguardas musicais e cinema87

Celso Loureiro Chaves

Cinema e reality shows: apontamentos sobre um fantasma 109

Suzana Kilpp

Publicidade com pipoca: a apropriação da narrativa

cinematográfica pela linguagem publicitária 127

Cristiane Mafacioli Carvalho

Entre fronteiras: o ator, o teatro e o cinema..... 143
Mirna Spritzer

PARTE 3 – CINEMA X PRÁTICAS SOCIAIS

“I’m Watching!”: consumo cultural e experiências de
vinculações audiovisuais a partir do aplicativo Get Glue 157
Adriana Amaral e Rosana Vieira de Souza

Resgate do real nos filmes biográficos sobre a ditadura militar..... 177
Cristiane Freitas Gutfreind e Helena Stigger

Cinema em devir nos games: por um olhar arqueogenealógico
nas interfaces culturais..... 195
Gustavo Daudt Fischer

Se eu fosse um rato febril: representações do sexo no
cinema brasileiro contemporâneo..... 215
Carlos Gerbase e Roberto Tietzmann

APRESENTAÇÃO

O fato de a linguagem cinematográfica ser uma hibridação de várias outras linguagens costuma gerar reflexões sobre o parentesco, ou ao menos sobre a complementaridade, entre filmes e outros produtos culturais. É claro que não é possível negar que o cinema paga e recebe tributos de artes, tecnologias e práticas sociais que o antecederam e o sucederam. A própria noção de montagem, para muitos a contribuição original do cinema para a representação do mundo, já estava implícita em alguns desenhos pré-históricos e sofreu uma metamorfose importante quando as moviolas foram substituídas pelas ilhas digitais. Nenhuma manifestação cultural está isolada, nem no tempo nem no espaço. Portanto, estudar essas intersecções, procurando mútuos pontos de apoio para construir pontes entre a teoria e a prática do cinema com outros saberes e fazeres é atividade importante na pesquisa acadêmica.

Esta coletânea de ensaios inéditos, contudo, prefere lançar um olhar um pouco diferente para essas relações. Tão importante quanto pensar em construir pontes é detectar os pontos em que os territórios permanecem isolados, pois o rio que os separa é muito largo e caudaloso, além de habitualmente transbordar e destruir pontes. Neste livro, os autores foram instigados a detectar momentos de ruptura e de confronto, em vez do tradicional viés da influência e da colaboração. A ideia era discutir onde o cinema ainda consegue afirmar sua individualidade, às vezes de forma discreta, às vezes de modo muito explícito. Alguns pesquisadores preferiram falar de produtos midiáticos e práticas sociais que foram se afastando do cinema, embora o tenham em sua base linguística, de

modo que agora reivindicam independência. De qualquer forma, são tentativas de ver conflitos.

Na primeira parte, o cinema é confrontado com questões tecnológicas, que começaram ainda na era analógica e se aceleraram muito nestes tempos digitais, levando a Kodak à falência e as câmeras de película aos museus. A segunda parte é uma incursão ao diálogo (e também à discussão exacerbada, eventualmente recheada de palavrões) entre cinema e outras linguagens. A música, a TV (em particular os reality shows), a publicidade e o teatro sentam na mesa com o cinema, e podemos ouvir pelo menos fragmentos de uma conversa. Na terceira e última parte, os textos partem de obras específicas – aplicativos da internet, filmes sobre a ditadura brasileira, jogos eletrônicos e filmes com cenas de sexo – para analisar os impactos das mídias audiovisuais sobre a sociedade, que já não é capaz de definir tão claramente as fronteiras entre os cenários de consumo cultural.

Os organizadores agradecem aos autores, que vêm de várias universidades diferentes e possuem distintas formações teóricas, por terem se adequadado ao espírito desta obra, que mantém o rigor científico, mas não abdica da comunicação com todo tipo de leitor. Dessa forma, realizamos uma parceria interdisciplinar entre diferentes programas de pós-graduação da região sul do país. Cremos na integração permanente da academia com a sociedade. Compreender os fenômenos audiovisuais contemporâneos, em suas variadas encarnações na mídia, é pressuposto para o exercício de uma cidadania plena, que se preocupe não só em construir pontes e estabelecer diálogo, mas que saiba também proteger o diferente, o regional e o específico, mantendo a diversidade cultural e respeitando práticas que podem ser levadas à extinção por um conceito equivocado de progresso.

Porto Alegre, novembro de 2013
Carlos Gerbase e Cristiane Freitas Gutfreind

PARTE 1

CINEMA X TECNOLOGIA

